

## AS MAIS RECENTES ASSOCIAÇÕES NA TRANSMISSÃO CLÍNICA DE JACQUES ANDRÉ

THE LATEST THOUGHTS ON THE CLINICAL  
TRANSMISSION OF JACQUES ANDRÉ

Eduardo Kives

**LIVRO: L'INCONSCIENT EST POLITIQUEMENT INCORRECT**

**AUTOR: JACQUES ANDRÉ**

**PARIS: ÉDITIONS STOCK, 2018, 236 P.**

Um rápido vislumbre sobre o índice de capítulos do último livro de Jacques André (dos mais de trinta capítulos, listo quatro, à guisa de exemplo: “Seis pés abaixo do mar”, “O sentido da dor”, “A escrita maia”, “O analista seduz por sua própria interpretação<sup>1</sup>”) nos dá uma ideia da miríade de temas que aguarda o leitor. Antes de mais nada, é o formato do livro, à medida que ele vai se revelando ao longo da leitura – uma espécie de colcha de retalhos de considerações teóricas e vinhetas clínicas –, que chama a atenção. Por que o autor escolheu, entre outras possibilidades, este modo de transmissão? Ele não nos dá claramente uma explicação. Porém, o que é certo é que o estilo não exegético e a fluidez interrogativa da escrita de André contribuem para transmitir suas concepções do fazer do psicanalista: não se trata de tudo compreender, mas, principalmente, de abrir enigmas. É assim que, de um capítulo a outro, assistimos a André dar livre curso a suas associações: temas que se cruzam, significantes que se repetem... Convite feito ao leitor para se deixar levar.

Esta paixão associativa, contudo, não deixa de ser desde o início marcada pela tese expressa já no título: *L'inconscient est politiquement incorrect*. Assim, ficamos com a tarefa de tentar entender a relação entre essa proposição e a pluralidade de temas abordados na obra. Isso porque a proposição-título não é desenvolvida de uma forma que poderia se dizer “sistemática”, assim como tampouco constitui o objeto explícito de boa parte dos capítulos. E não por acaso: parece-me que também o esforço de sistematizar o livro de André, buscando, por exemplo, o modo como cada capítulo contribui ou não com o seu “argumento”, é engajar-se em um trabalho que correria o risco de perder de vista os aspectos principais de sua transmissão. É preferível proceder de outro modo, buscando aqui e ali, no jogo entre título e obra, o que se produz como efeito de significação. De minha parte, gostaria apenas de notar que o título é tão instrutivo quanto potencialmente enganador. *L'inconscient est politiquement incorrect* é menos um livro sobre política do que sobre o inconsciente. Isso não quer dizer que a política aí esteja ausente, mas simplesmente que o inconsciente é escolhido como o personagem principal.

Do fato de que o que é próprio ao inconsciente é, independentemente da época e do indivíduo, estar em conflito com as exigências do eu, Jacques André (p. 26) deriva que, inevitavelmente, ele é politicamente incorreto:

O fundamentalista moral e religioso luta contra seu próprio inferno, o inconsciente daquele que detesta a tourada não é uma arena de descanso, quanto ao do vegetariano, ele tem o sabor e a cor de um bife malpassado [...] o inconsciente da mulher feminista não é mais feminista do que é democrático o inconsciente do mais democrata dos homens.

Ao sustentar isso, a psicanálise, “ciência” da parte intratável da vida psíquica, se colocaria numa “situação de instabilidade em relação ao discurso ‘politicamente correto’ de hoje em dia assim como com o de ontem” (p. 137). Por exemplo, a psicanálise nos levaria a rejeitar o lema republicano da Revolução Francesa (*liberté, égalité, fraternité*) como um lema que pudesse se aplicar ao inconsciente. Na mesma linha associativa, o autor tenta transformar o discurso feminista que associa o abuso sexual masculino ao fracasso do controle civilizatório sobre o aspecto “animal” da sexualidade. O abuso sexual, para André, é uma questão humana/pulsional, e não animal/instintual: não é a ereção dos homens, mas a *fragilidade* da ereção que é o problema, abusar das mulheres sendo uma das formas, para o homem, de verificar que sua potência segue intacta.

A psicanálise, contudo, não escapa, ela também, de ser capturada pelo discurso do seu tempo. Refletindo sobre o “Freud patriarcal”, em *Moisés e o monoteísmo*, que propõe compreender a passagem da mãe ao pai como um triunfo da civilização, o autor (p. 66) se pergunta: como Freud descreveria a psicogênese da vida do espírito tivesse ele sido um “herdeiro da Índia antiga, continente cultural védico onde a palavra é mulher e onde a primazia do laço mãe-filho é prevalecente”? Ao invés de nos dar uma resposta, André nos remete à clínica, única autoridade que nos permitiria verificar o que resta da tese de Freud a respeito da diferença organizante entre pai e mãe. Em outra parte, André aponta o primado do falo como sendo uma teoria potencialmente reducionista. Ele propõe (p. 82-83) que a inventividade em geral, inclusive nas disciplinas científicas mais rigorosas, teria uma dívida importante com o polimorfismo da sexualidade infantil: “O pequeno polimorfo cedeu lugar ao pequeno binário. O primeiro partilhava com o inconsciente o fato de não se incomodar com a contradição, o segundo se submete dos pés à cabeça ao princípio de não contradição”.

Em um dos capítulos mais robustos do livro, *A homossexualidade do psicanalista*, André retoma a história da homossexualidade na psicanálise para mostrar que um dos grandes problemas desta última é que, frequentemente, funda-se em teoria o ponto de vista pessoal e as dificuldades do autor. É o ensinamento que poderíamos tirar da associação clássica da homossexualidade à perversão, assim como da representação normativa do desenvolvimento definido pelo primado da genitalidade. Na crítica realizada por Jacques André, nem a própria palavra *homossexualidade* escapa ileso: esta se refere à realidade material, mas não diz nada, porém, sobre a realidade psíquica, já que não há cena psíquica em que não estaria presente o outro sexo do que aquele que aparece na realidade.

Mais além, ele enriquece seu fluxo argumentativo com achados interessantes. Em contraste à condenação da homossexualidade pela IPA durante oitenta anos, André (p. 131) nos traz uma carta de Freud a Stefan Zweig potencialmente redentora:

Por que o homem não pode aceitar o amor de um homem, mesmo quando ele se sente fortemente ligado a ele no plano psíquico? Isso não seria contra a natureza de Eros que, ultrapassando a rivalidade natural entre

homens (atitude de ciúmes), conheceria um triunfo notável. O amor do homem por um homem seria também mais fácil sobre o plano do desenvolvimento histórico, ele seria inclusive talvez mais satisfatório, dado que ele não teria que vencer este último resto de estranheza entre um homem e uma mulher, e não guardaria esse acréscimo de sadismo que envenena as relações dos dois sexos. Ele também não é contra a “natureza” humana, pois esta é bissexual; mais ainda, esta incapacidade não existe desde sempre (o amor grego e romano), ela parece existir unicamente para nós hoje em dia, e, ainda assim, não para todo mundo. Lá onde ela existe, ela é insuperável... O que funda esta repulsão aparentemente elementar? Nós não o sabemos...

Que encontremos nessa carta de Freud o possível fundamento de uma esperança de que bastaria a evolução das democracias ocidentais para que a bissexualidade pudesse se exercer livremente é algo que o autor encara com ceticismo. A razão para isso não se encontra na política, e sim no inconsciente. Para André, recalçamento psíquico e repressão cultural são conceitos que, por mais que não sejam indiferentes um ao outro, nunca se recobrem totalmente. Por isso, não haveria nenhuma chance para que a abolição da discriminação se traduzisse, no inconsciente, por um tipo de igualdade benevolente.

Radical em seu ponto de vista, o autor sustenta que a psicanálise tal como ele a vê deve escapar ao politicamente correto sempre, inclusive quando somos tentados a não o fazer – por exemplo, quando a situação da homossexualidade se inverte, sua condenação (e não ela própria) passando a ser considerada, em nossos dias, como politicamente incorreta. É neste ponto que ele desenvolve sobre a diferença entre o método psicanalítico e a militância. Esta diz respeito ao eu da vida de todos os dias, à construção da identidade e à fundação de comunidades. A escuta psicanalítica, por sua vez, desambienta-se (o eu é um outro), largando as amarras a fim de flutuar em viagem a terras desconhecidas. O psicanalista que, em sua prática, defende uma *identidade homo* ao modo de Judith Butler, considerando que o desejo homossexual não deve nada ao outro sexo, distancia-se da alteridade do inconsciente tanto quanto aquele psicanalista que esperava conduzir seu paciente à plenitude do amor genital. André propõe que, ainda que, na cura, encontrar as fontes da escolha do objeto não se constitua necessariamente como uma finalidade privilegiada (somente a transferência e as associações livres traçam o caminho a ser seguido para permitir a mudança psíquica), a formação do psicanalista exigiria, em particular, que ele ousasse se confrontar com a história inconsciente de suas escolhas sexuais. Por mais que a psicogênese da escolha de objeto possa ser obscura, o psicanalista deveria tentar se aproximar desse não saber, ao invés de se proteger dele.

Para além de todas essas questões, muitos outros assuntos são abordados no livro: a carga inconsciente das relações que guardamos com a água, as diferenças entre a escuta psicanalítica e a que é operada pelas “terapias positivas”, o nascimento de afetos na experiência transferencial da cura, a fraqueza da construção do eu na contemporaneidade, uma crítica à crítica que Foucault fez da psicanálise ao associá-la ao confessionalismo, alguns modos inesperados em que o inconsciente do analista pode se implicar na cura de seu paciente, o desejo de ser algemado e sua relação com o fantasma de massa da servidão voluntária, os lugares do humor na clínica, o que a psicanálise tem a dizer sobre os sujeitos que cometem atentados terroristas, a utilização de aplicativos de relacionamento, etc. Seria impossível dar conta de tamanha pluralidade em

apenas uma resenha. E, com certeza, voltando ao ponto em que começamos, sistematizar o livro de André acarretaria a perda de sua riqueza, que reside, em grande parte, nos temas que o autor aborda sem necessariamente realizar um grande desenvolvimento, seus insights.

Uma leitura atenta às distinções fundamentais que organizam o texto de André – distinção entre vida psíquica e vida ordinária, e entre o registro das representações políticas e o registro das representações inconscientes – mostra-nos definitivamente que o autor não é um psicanalista querendo ensinar sobre política. Ao contrário, ele parece rejeitar a ideia de que a psicanálise poderia dar conta, sozinha, de explicar os fenômenos políticos. O lugar de onde nos fala o psicanalista Jacques André é, sobretudo, o lugar daquele que tem – creio que poderíamos dizê-lo assim – um acesso especial, através do dispositivo analítico, à escuta da loucura privada. Assim, se antes dissemos que o inconsciente é o protagonista deste livro, cabe acrescentar que o cenário principal de André é a sua clínica. É este o simples fundamento do qual o texto do livro, que pode à primeira vista parecer tão fragmentado, retira, a meu ver, a sua consistência.

#### NOTA

<sup>1</sup> Todas as citações do livro de Jacques André são traduzidas livremente do francês para o português.

*Eduardo Kives*  
*Psicólogo clínico no Centre Médico-Psycho-Pédagogique de Grigny.*  
*E-mail: kives.eduardo@gmail.com*